UMA EXPERIÊNCIA COM RETEXTUALIZAÇÃO EM SALA DE AULA

Rosinete Barbosa Guedes[1]

Muitas pesquisas demonstram que, das escolas seguidoras do Livro Didático de Português e da Gramática Tradicional, em geral, poucas se preocupam em explicitar a noção de língua com que operam, priorizando apenas a escrita, considerada culta com suas prescrições, o que ainda alimenta os problemas sérios na aprendizagem da língua materna. Faz-se, portanto, necessário conscientizar-se acerca da introdução da Língua Falada no currículo do Ensino Fundamental como uma das modalidades de uso da língua materna (paralela à escrita), com funções igualmente importantes na sociedade, uma vez que tanto a fala como a escrita são responsáveis pela formação cultural de um povo.

1. CONSIDERAÇÕES ENTRE AS RELAÇÕES FALA/ESCRITA

Considerando que são os usos que fundam a língua e não o contrário, defende-se a tese de que falar ou escrever bem não é ser capaz de adequar-se às regras da língua, mas é usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido numa dada situação. Sendo assim, é a intenção comunicativa que funda o uso da língua e não a morfologia ou a gramática.

O que se propõe, na realidade, do ponto de vista de Marcuschi (op.cit), é que se veja a relação entre fala e escrita dentro de um quadro mais amplo no contexto das práticas comunicativas e dos gêneros textuais, uma vez que ambas são duas práticas sociais e não duas propriedades de sociedades diversas.

---

[1] Pós-graduada em Letras e Professora da Escola Municipal Félix Araújo Este texto é uma versão simplificada da monografia de conclusão do curso de Especialização em Lingüística e Literatura – UEPB.

Portanto, segundo o autor, as relações de semelhanças e diferenças entre fala e escrita não são estanques nem dicotômicas, mas contínuas ou, pelo menos, graduais (considerando-se que o controle funcional do contínuo acha-se no plano discursivo).

Partindo dessas posições, o autor apresenta um modelo para analisar o grau de consciência dos usuários da língua a respeito das diferenças entre fala e escrita, através da atividade de transformação, denominada de retextualização. Nessa proposta, Marcuschi trabalha com operações que considera as mais comuns realizadas na passagem do texto falado para o texto escrito. Ao todo, o autor propõe 9 operações textuais discursivas. Dessas, elegemos, na experiência que realizamos, apenas 4 operações, cuja ordem atende à necessidade mais recorrente da turma:

1ª: Introdução à pontuação com base na intuição fornecida pela entoação das falas (estratégia de inserção em que a primeira tentativa segue a sugestão da prosódia).

2ª: Introdução da paragrafação e pontuação detalhada sem modificação da ordem dos *tópicos discursivos* (estratégia de inserção).

3ª: Retirada de repetições, reduplicações, redundâncias, paráfrases e pronomes egóticos (estratégia de eliminação para uma condensação lingüística).

4ª: Eliminação de marcas estritamente interacionais, hesitações e partes de palavras (estratégia de eliminação baseada na idealização lingüística).

2. METODOLOGIA

Buscando vivenciar uma prática de leitura e de escrita partindo da modalidade oral na perspectiva da Lingüística Textual, aplicada ao ensino, o presente trabalho desenvolveu-se numa escola pública da Rede Municipal de Campina Grande – Escola Municipal Félix Araújo, na turma Pós II – EJA (Educação de Jovens e Adultos). A nossa experiência teve como referência dois programas de TV: *Cidade Alerta,* da TV Record (apresentado por Luís Datena) e o *Programa do Ratinho,* do SBT, escolhidos com base numa enquete realizada com os alunos. Nossa intenção era responder às seguintes questões:

1º) Que resposta os alunos apresentam a um trabalho sistemático do ensino da modalidade escrita partindo do oral?

2º) Que importância há em se trabalhar estas duas modalidades paralelamente?

Partindo desses questionamentos, deu-se início a uma experiência que se desenvolveu em várias etapas, obedecendo à seguinte seqüência:

a. Aplicação de uma enquete para saber a que programas de Rádio e TV os alunos costumam assistir.

2º) Observação de duas aulas de Língua Portuguesa da professora regente.

3º) Gravação dos programas escolhidos pelos alunos.

4º) Planejamento e preparação das atividades.

5º) Leitura dos programas exibidos, envolvendo leituras decodificadora, inferencial e avaliativa, dentro de uma abordagem interacionista.

6º) Retextualização dos textos orais.

Nossa experiência desenvolveu-se no período de 06 de novembro até 06 de dezembro de 2001, totalizando 18 encontros de práticas efetivas em sala de aula (envolvendo, no primeiro momento, atividades de leitura, e a seguir, atividades de retextualização, objeto de nosso trabalho) e mais 06 encontros para observação das aulas de Língua Portuguesa, aplicação da enquete e encerramento da experiência.

Consciente da defasagem do ensino de Língua Portuguesa na escola pública, a experiência buscou despertar nos alunos uma nova concepção de leitura e escrita, priorizando uma prática de reescritura de textos que partisse do estudo da modalidade oral. As atividades de reescritura foram denominadas, nessa experiência, de <u>retextualização</u>, uma vez que nos orientamos pela visão de Marcuschi (2001) para trabalhar a passagem do oral para o escrito. Pretendíamos dar condições para o aluno discernir o que é próprio do texto escrito e do texto oral.

Decidimos trabalhar com a proposta de <u>retextualização</u>, porque a abordagem é importante para o redimensionamento da concepção de Língua, tanto para o aluno, como para o professor, visto que este prioriza apenas a escrita, esquecendo, portanto, que somos falantes. Essa proposta se constitui num novo estudo da Lingüística, que já está sendo colocado em prática como forma de

minimizar os problemas apresentados, em geral, na organização do texto escrito.

A metodologia de trabalho esteve voltada para o ensino de Língua Materna no 1° Ciclo do Ensino Fundamental, proporcionando aos alunos situações que possibilitassem uma melhor conscientização e valorização do estudo da modalidade oral como uma alternativa viável para se chegar ao texto escrito, contribuindo, assim, para um melhor conhecimento dos usos da língua.

O *corpus* de nossa experiência pedagógica compõe-se de 18 atividades de Retextualização realizadas pelos alunos da referida turma. Dessa forma, para efeito de análise no presente artigo, selecionamos do referido corpus duas atividades de retextualização de um dos alunos integrantes da turma Pós II – EJA. Este aluno, estando nas últimas séries do 1° Ciclo do Ensino Fundamental, apresentava em seus textos, segundo a professora regente, sérios problemas de construção de textos escritos. Esperamos que o resultado da análise a seguir possa se constituir em subsídio para a elaboração de propostas de trabalho que focalizem o conhecimento de texto escrito quanto à sua forma, favorecendo o domínio mais adequado da escrita, pois, partindo-se do oral pode-se chegar à organização do texto escrito, inclusive aquele mais adequado à língua formal escrita.

3. AS ATIVIDADES DE RETEXTUALIZAÇÃO

Após as atividades de leitura realizadas como atividades precedentes (ver etapa 5 da seqüência presente no item 2), passamos a mediar as seguintes atividades:

2. Retextualização de trechos falados pelo apresentador do programa Cidade Alerta (Luís Datena) – atividade realizada de forma individual.

3. Retextualização de trechos falados pelas pessoas entrevistadas numa das reportagens do Programa Cidade Alerta – atividade realizada em dupla.

4. Retextualização de trechos falados pelo apresentador Ratinho – atividade feita em dupla, sem a minha orientação.

5. Exercício de verificação, utilizando outros trechos, selecionados na gravação dos programas citados. Nesse exercício,

os alunos deveriam empregar adequadamente os conhecimentos da retextualização trabalhados nas atividades acima referidas. Vale ressaltar que esse exercício não tinha como objetivo a atribuição de notas.

A cada atividade de retextualização, comparávamos a forma de registro entre os dois textos: falado X escrito, identificando os recursos de organização desses textos, priorizando a pontuação (ponto continuativo, ponto final, ponto-parágrafo e a vírgula), paragrafação, eliminação de repetições, hesitações, reduplicações e de alguns marcadores conversacionais.

É preciso reconhecer que não é fácil, para o aprendiz, trabalhar com essas duas modalidades paralelamente, como a transformação da fala para a escrita, ou seja, a retextualização, uma vez que ele não foi exposto a este tipo de prática e a escola prioriza a escrita de frases isoladas. Por isso, nesse primeiro momento, priorizamos o emprego da pontuação e da paragrafação de acordo com a compreensão do texto falado, através da gravação e leitura. E, no segundo momento, o exercício de retextualização priorizou a eliminação dos itens referentes à primeira e segunda operações, (ver item 1.0, p.1), de acordo com a compreensão do texto falado, através da gravação e leitura.

Vejamos este primeiro exemplo de retextualização:[2]

3.1 Retextualização: Emprego da pontuação (ponto continuativo, parágrafo e final e a vírgula) e da paragrafação.

EXEMPLO 1- MOMENTO INICIAL
TRECHO FALADO PELO APRESENTADOR

1 "eu concordo que muita estrada no brasil não tem condição de você trafegar...
2 tem estrada que é uma verdadeira barbaridade... concordo também que essas
3 concessionárias lucram muito com pedágio... é pedágio em cima de pedágio

[2] Na retextualização, preservamos a escrita original do aluno.

4 e devolve pouco à população que utiliza dessas estradas... mas também...
5 eu vou dizer uma coisa pra você hem... tem imperícia... tem imprudência...
6 tem muita gente que dirige alcoolizada... eu vou dizer uma coisa pra você...
7 a situação é complicada... sabe... chamam essa rodovia de rodovia da
8 morte... rodovia régis bittencourt... rodovia da morte... rodovia da morte...
9 rodovia da morte tal...

RETEXTUALIZAÇÃO DO ALUNO

1 "Eu concordo que muita estrada no Brasil não tem condição de você
2 trafegar. Tem estrada que é uma verdadeira barbaridade. Concordo
3 também que essas concessionárias lucram muito com pedágio, é pedágio
4 em cima de pedágio e devouve pouco a população que utiliza dessas
5 estradas. Mas também, eu vou dizer uma coisa pra você hem, tem
6 imperícia, tem muita imprudência, tem muita gente que dirige alcoolizada,
7 eu vou dizer uma coisa pra você, a situação é complicada
8 Sabe, chamam essa rodovia de rodovia da morte, rodovia Régis
9 Bittencourt, rodovia da morte, rodovia da morte, rodovia da morte tal."

Podemos observar que o exemplo 1 apresenta, como características típicas da fala, pausas maiores, pausas menores e uma estrutura num contínuo, pois representa um turno sem interrupções. É relevante ressaltar que a transformação de um texto com um nível de fala mais cuidada como sobre esse em destaque permite um trabalho de retextualização com menos

esforço, facilitando, assim, a compreensão dos alunos desse processo. Nossa intenção, nesse primeiro momento, era que os alunos percebessem que, com base na intuição, fornecida pela entoação das falas, essas pausas poderiam ser traduzidas, no texto transcrito, pelo uso dos sinais de pontuação: ponto continuativo, ponto-parágrafo, ponto final, vírgula e a paragrafação. Nesse exercício inicial, trabalhamos com a estratégia de inserção, que consiste na introdução de elementos novos no texto escrito (os sinais de pontuação). Essa operação segue a sugestão da prosódia para pontuar o texto escrito.

Dessa forma, vimos que, na retextualização feita pelo aluno, foi usado o ponto continuativo para encerrar uma idéia curta (*"eu concordo que muita estrada no Brasil não tem condição de você trafegar." Linha 1 e 2),* o ponto-parágrafo para encerrar um período longo (*"...a situação é complicada. Sabe, chamo essa rodovia de rodovia da morte..." Linha 7 e 8*), aqui introduzimos o uso da paragrafação como estratégia de inserção – 4ª operação, o ponto final para encerramento do texto (*"... rodovia da morte, rodovia da morte, rodovia da morte tal" Linha 8 e 9*) e o uso das maiúsculas (*"Eu concordo que muita estrada no Brasil..." linha 1*).

Quanto à vírgula, que também foi empregada nesse texto, foi possível perceber que o aluno, na escrita, empregou este sinal para enumerar orações da mesma natureza(*"... tem imperícia, tem imprudência, tem muita gente que dirige alcoolizada ..." - L. 5 e 6*), uma das funções da vírgula, na língua escrita, e para dar uma pausa menor (*"...Concordo também que essas concessionárias lucram muito com pedágio, é pedágio em cima de pedágio..." – L. 2 e 3*). Essas estratégias funcionam, como destaca Marcuschi (op.cit.), com "... uma necessidade de 'disciplinar o texto', dando-lhe uma aparência mínima da escrita" (p. 80).

No decorrer do trabalho, percebemos que, a cada atividade aplicada em sala de aula, o uso da pontuação surgia quase que espontaneamente, organizando o texto escrito. Ainda, os alunos se interessavam cada vez mais, sentindo-se estimulados a melhorar sua escrita, pois, ao ouvir a gravação, e depois, ao fazer leitura da transcrição, iam percebendo expressões que são características da fala e não da escrita.

Vejamos, agora, outro exemplo de retextualização para evidenciar a afirmação dita acima: – No exemplo a seguir, utilizamos a estratégia de eliminação, baseada na idealização

lingüística e a estratégia de eliminação para uma condensação lingüística.

3.2 RETEXTUALIZAÇÃO: ELIMINAÇÃO DE REPETIÇÕES, HESITAÇÕES E DE ALGUNS MARCADORES CONVERSACIONAIS

EXEMPLO 2 – MOMENTO INICIAL
TRECHO FALADO PELO APRESENTADOR

2. "eu acho o seguinte: eu penso o seguinte a pessoa não gosta mais...
3. não quer mais viver com a outra ... é é de repente se apaixona por outra
4. pessoa... é é ninguém é dono do coração de ninguém... mas tem compromisso...
5. botou o filho no mundo... tem que cuidar...não interessa se tá desimpregado...
6. por que que o filho tem que ficar nas costas só da mãe ou ou da avó?
7. É porque tem muita mocinha aí...que bota filho no mundo e a avó é quem
8. cuida... é a avó...é ou não é?... então eu acho o seguinte: eu acho que você...
9. eu não vou nem entrar em questão... mas essa desculpa que tá desempregado
10. pra mim não vale mais.. .porque criança não quer saber se tá desempregado...
11. doutor (incompreensível) vai atendê-la... vai conversar e vai cuidar
12. desse caso..."

RETEXTUALIZAÇÃO DO ALUNO

2. " Eu acho o seguinte: a pessoa não gosta mais, não quer viver com a outra,
3. de repente se apaixona por outra pessoa, é ninguém é dono do coração de ninguém,

4. mais tem compromisso, botou filho no mundo, tem que cuidar. Não interessa se
5. está desempregado.
6. Por que o filho tem que ficar nas costas da mãe ou da avó? é porque tem
7. muita mocinha, que bota filho no mundo e a vó é que cuida.
8. Então eu acho que não vou entrar em questão, mas essa desculpa que está
9. desempregado para mim não vale mais. Porque criança não quer saber se está
10. desempregado. O advogado (incompreencível) vai atende-la e cuidar desse caso."

Nessa retextualização, como podemos perceber, o aluno já demonstra um melhor entendimento quanto às diferenças e semelhanças entre as duas modalidades, uma vez que o texto acima, produzido pelo aluno, trouxe uma forte redução dos elementos destacados nas operações 1ª e 3ª, ou seja, houve algumas eliminações de repetições (L.1), hesitações (*éé,L.2/;que que, L.5/; ou ou , L.5*), reduplicações (*"...é avó é quem cuida...é a avó...é ou não é?, L.6/7)* e de alguns marcadores conversacionais (*tá, L.4/; eu acho, L.7/; não é?, L.7; pra, L.9*), utilizando, portanto, a estratégia de eliminação para uma condensação lingüística.

No geral, podemos afirmar que nosso trabalho começou a apontar resultados e mudanças no desempenho de nossos alunos, pois estes já conseguiam identificar, no texto transcrito, recursos utilizados na fala, que deviam ser evitados ou substituídos por outros próprios da escrita, quando realizavam a passagem de um texto para o outro. E, até mesmo, nos últimos exercícios, já faziam sozinhos a reconstrução de estruturas truncadas.

REFERÊNCIAS

GERALDI, J. W. (org.). *O texto na sala de aula: leitura e produção*. Cascavel, ASSOESTE, Campinas: UNICAMP, 1984.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da Fala para a Escrita: Atividades de Retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: ALB/ Mercado de Letras, 1997. (Leituras no Brasil)